

O ALEGRE CANTO DA PERDIZ, DE PAULINA CHIZIANE

CHIZIANE, Paulina. *O alegre canto da perdiz*. Lisboa: Caminho, 2008, 305 p.

Maria Geralda de Miranda.
Centro Universitário Augusto Motta/UNISUAM.
mariamiranda@globocom.com

Publicado pela editora portuguesa Caminho, em 2008, o romance ***O alegre canto da perdiz***, o quinto livro da escritora moçambicana, Paulina Chiziane, traz à tona, em seus oito capítulos, a saga das personagens Delfina e Maria das Dores. A ação dessas personagens, no decorrer da narrativa, aponta para a construção de um discurso feminino que denuncia a estado de reificação a que a mulher moçambicana foi submetida, sobretudo, durante a colonização. O romance, ao contar a saga dessas duas mulheres (mãe e filha), também faz uma releitura da origem dos povos, da história de África e, sobretudo, da Zâmbia. Ao recontar lendas do matriarcado, recupera também o papel do feminino na criação humana.

O romance tem início com Maria das Dores, que após caminhar solitária por vários anos, à procura de seus três filhos, chega ao rio Licungo, onde toma banho nua, desafiando os costumes do povo da vila Gurué. Considerada louca, é apedrejada e amaldiçoada por homens e mulheres da vila. “Ali está a heroína do dia. Protegida na fortaleza do rio. (...) Que venceu um exército de mulheres e colocou desordem na moral pública. Que desafiou os hábitos da terra e conspurcou o santuário dos homens” (CHIZIANE, 2008, p. 16).

A louca do rio, como passou a ser chamada, continuou perambulando pela cidade sem saber que ali encontraria seus filhos: Benedito, Fernando e Rosinha, que foram criados por uma freira, após serem resgatados por militares, no período da guerra colonial, nos montes Namuli, trinta anos atrás.

Diante do espanto causado pela “louca do rio” e da zanga coletiva, a mulher do régulo, respeitada contadora de histórias, e única a não se espantar com o episódio, explica que não há mau presságio nenhum, nem anúncio de seca, nem de tormenta no aparecimento da mulher do rio. “A voz da mulher do régulo tinha o poder de

serenar multidões. (...) A mulher do rio (...) trazia uma boa nova escrita do avesso”. (CHIZIANE, 2008, p. 20).

A mulher do régulo, em meio às histórias que conta, insere na narrativa uma espécie de pronunciamento crítico. É ela que desmistifica o episódio que parecia “sobrenatural” aos olhos do povo da vila. É também através dela que conhecemos várias histórias que remontam ao matriarcado e que permeiam a narrativa em vários momentos. É ela que tem conhecimento do passado e do presente do povo dos montes gelados do Namuli para onde Maria das Dores retorna.

Delfina, a mãe de Maria das Dores, possui todos os complexos do colonizado, como diria Albert Memi (1977). Primeiramente, passa a desprezar a sua raça e renegar todas as instituições, usos e costumes de seu grupo: língua, religião, vestuário, alimentação. Exige que José dos Montes, com quem se casou, seja um assimilado. Este, com medo de a perder, passa a ser sipaio. Armado de escopeta e fardado, José vai se afastando cada vez mais de seu povo e de seus costumes. De Sipaio passa a tuga. Entra para o exército colonial e se destaca como um bom soldado a serviço do salazarismo e do colonialismo.

Como afirma Martiniano J. Silva (1995, p. 34) , numa reflexão sobre a mulher negra no Brasil, mas que pode se estender às africanas, a dignidade da mulher negra teria sido violentada, atingindo a honra no âmbito moral e sexual, através de uniões mantidas a força, sob a égide do medo e da insegurança, em que as crianças eram concebidas legalmente sem pai. Silva diz que é imperioso que não se confunda “a descaracterização de um povo pela violência sexual com a hipótese de uma democracia racial.”

Alberto Oliveira Pinto, em seu artigo ‘O colonialismo e a coisificação da mulher’, diz que “a mulher africana foi sempre encarada pelos colonos portugueses tão somente enquanto um instrumento de dominação sobre os espaços e sobre os homens colonizados”. (PINTO, 2007, p. 48).

É relevante também a observação desse estudioso quanto à expectativa da mulher africana ao se aproximar sexualmente do colonizador, já que esta buscava

uma ascensão a uma categoria social superior à que tinha nas suas sociedades tradicionais, concretizada, quer através da passagem de escrava a serviçal ou da mudança da tanga para os panos próprios dos meios urbanos, quer mesmo através da ilusão de ocupar o lugar da mulher branca.

A personagem Delfina passa por essa última situação quando se une ao português Soares. Para unir-se a ele, recorre aos serviços de bruxaria de Simba, feiticeiro e seu gigolô na época em que era prostituta do cais. Antes de fecharem o negócio, diz o feiticeiro: O desafio é aliciante, mas embruxar um branco é um atentado contra o regime, contra a ordem pública, com direito à condenação, deportação e morte. (...) (CHIZIANE, 2008, p. 213).

Delfina usa todos os artifícios para seduzir o feiticeiro a aceitar a proposta: “Traz o homem para o meu leito, Simba. Sou uma boa negra para um homem branco. Quero mostrar que uma negra pode ser gente. (...) Dar-te-ei metade do que conseguir”. (CHIZIANE, 2008, p. 213) E argumenta: “Os brancos tem armas de fogo, Simba, mas não escapam às tramas mágicas de nossos feitiços”, (CHIZIANE, 2008, p. 213).

Delfina consegue realizar o seu sonho de cinderela: casar-se com um branco, levar a vida de mulher branca. Ela é a perdiz que canta alegremente o fim da pobreza. Nesse momento, a história adquire o tom de “era uma vez”. Mas Delfina não consegue levar por muito tempo a sua vida de princesa. Até porque as histórias de Paulina são mais parecidas com história de bruxas e Delfina não foi feliz para sempre. O português Soares era um colonizador sensível à problemática do colonizado. Havia em suas reflexões preocupações políticas e sociais. Ao perceber que a simplicidade e o cheiro da terra que ele amava em Delfina não existiam mais, resolveu partir, deixando-a solitária e amarga.

Delfina quando rica reforça em muito a sua intolerância racial. Radicaliza os seus traços de assimilada. Passa a discriminar os próprios filhos. Maria das Dores e Zezinho, que são negros, filhos de José dos Montes, fazem o serviço da casa, ao passo que os dois filhos mulatos, filhos de Soares, são tratados com distinção. Precisavam estudar. Dizia que pretos não precisavam de escola.

Abandonada por Soares e novamente em dificuldades financeiras, Delfina vende a virgindade da filha Maria das Dores, com treze anos de idade, ao feiticeiro Simba. Esta, depois de muito sofrimento, foge da casa do feiticeiro, levando os três filhos, que são resgatados nos montes Namuli e criados por uma freira. Delfina abre um prostíbulo e passa a explorar a sexualidade infantil.

O mais interessante na narrativa é que, somente quando Delfina perde todos os filhos, ela começa a pensar em seus atos. Maria Jacinta, a filha mulata, a ataca frontalmente no dia de seu casamento. Simba quando perde Maria das Dores também se revolta contra ela.

Delfina realiza vários tipos de perversidades. Não tem honra, não tem moral, não tem piedade. Destruiu, com ajuda de feitiçaria, a vida de José dos Montes e a do Português Soares, que tinha esposa e filhos. Mas a sua virgindade também foi vendida pela mãe em troca do chá e do açúcar. Foi prostituta do cais. Foi tratada como lixo e expulsa da igreja, por provocar nos padres idéias voluptuosas. Teve filhos negros e mulatos, quase brancos. Foi pobre, foi rica, experienciou várias vidas, várias áfricas... Sobre ela, há o seguinte comentário do narrador: “Delfina, a mulher ideal para aquele regime. Que mata e passa a heroína da sobrevivência.” (CHIZIANE, 2008, p. 212).

Delfina e Maria das Dores representam a própria Zambezia, espaço em que transcorrem as ações narrativas do romance. É a Zambezia deflorada pelo invasor, colonizada e assimilada. Mas é também a Zambezia da resistência, dos palmares de coco, dos montes Namuli, do berço da humanidade. Montes em que José combateu a guerrilha, mas para onde também voltou – permanecendo mudo por trinta anos – e reencontrou a sua filha e seus netos. É a Zambezia de Maria das Dores, que preferiu a loucura à dominação de Simba. A terra da mulher do Régulo, que ao contar as histórias do matriarcado, vai destruindo a idéia de supremacia do colonizador.

Não é possível ler Paulina Chiziane sem refletir sobre os traumas da colonização, da escravidão e das guerras, sem pensar em projetos de reconstrução da vida comunitária, na dicotomia entre cidade e aldeia, passado e presente. Espaços e tempos que se polarizam e se interpenetram, principalmente, a partir de uma

instituição africana muito forte que é a família. Não é à toa que, no final do romance, os filhos e José dos Montes acabam reconciliando com Delfina. Maria das Dores se reconcilia com Simba. O feiticeiro encontra o padre, seu filho, ao pé dos montes Namuli, concebidos na obra como espaço simbólico da origem da humanidade, local de retorno para todos.

Na verdade, as personagens de Paulina carregam a dor do preconceito de gênero e de raça em razão dos processos avassaladores de dominação colonial. Não apenas a África, mas também a mulher africana, sempre foi vista como objeto de exploração. A personagem Maria das Dores é exemplo disso: “das palavras, conheço as injúrias, dos gestos as agressões. Tenho o coração quebrado. O silêncio e a solidão me habitam. Eu sou Maria das Dores aquela que ninguém vê.” (CHIZIANE, 2008, p. 18).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHIZIANE, Paulina. *O alegre canto da perdiz*. Lisboa: Caminho, 2008.

MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

PINTO, Alberto Oliveira. “O colonialismo e a ‘coisificação’ da mulher no cancionário de Luanda, na tradição oral angolana e na literatura colonial portuguesa.” In MATA Inocência; PADILHA, Cavalcante. *A mulher em África – Vozes de uma margem sempre presente*. Lisboa: Colibri, 2007, pp. 35-49.

SILVA, Martiniano J. *Racismo à Brasileira*. São Paulo: Thesaurus, 1995.

Maria Geralda de Miranda.
Doutora em Letras Literatura Comparada/UFF/2005
Profª. Adjunta e Coordenadora do Curso de Letras da UNISUAM.
Programa de Pós-Graduação em Letras da UNISUAM

